

A TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE: IMPASSES NA CULTURA

TRANSMISSION AND TRAINING IN PSYCHOANALYSIS:
RELATIONS WITH CULTURE

Cláudia Maria Perrone¹

Eduardo Bayon Britz²

Resumo: O artigo examina questões do ensino e da transmissão da psicanálise partindo da análise de um fenômeno da cultura brasileira, os cursos de graduação em psicanálise e da psicanálise “evangélica”. As novas institucionalizações da psicanálise, seguindo a forma adaptativa da identificação, operam através da identificação maciça com o analista/pai/pastor, situação de alto risco quando a propensão ao autoritarismo e ao preconceito é estimulada pela dinâmica social dominante e pelas formas culturais regressivas com maior poder de disseminação. As tendências subjetivas estruturantes estariam, deste modo, sendo estimuladas pela sociedade e pela cultura: convencionalismo, agressividade, oposição a tudo que é intelectual e subjetivo, submissão autoritária.

Palavras-chave: Psicanálise. Transmissão. Cultura.

Abstract: The article examines issues of the teaching and transmission of psychoanalysis starting from the analysis of a phenomenon of Brazilian culture, the undergraduate courses in psychoanalysis and “evangelical” psychoanalysis. The new institutionalizations of psychoanalysis, following the adaptive form of identification, operate through massive identification with the analyst/father/minister, a high-risk situation when the propensity to authoritarianism and prejudice is encouraged by dominant social dynamics and regressive cultural forms with greater power of dissemination. The structuring subjective tendencies would be, in this way, stimulated by society and culture: conventionalism, aggressiveness, opposition to everything that is intellectual and subjective, authoritarian submission.

Keywords: Psychoanalysis. Transmission. Culture.

¹ Professora associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura da UFRGS, pesquisadora do NUPPEC - Eixo-3 UFRGS.
E-mail: claudia.perrone@ufrgs.br

² Cientista Social e graduando em Psicologia pela UFRGS.
E-mail: edubritz@hotmail.com

PALAVRAS INICIAIS

Em poucos meses, mais de cem anos de debates, prescrições técnicas e controvérsias psicanalíticas entraram em suspensão devido à quarentena provocada pela crise sanitária da COVID-19. O conjunto de fatores espaço-temporais e a tecnologia alteraram o que até então parecia impensável: analista e analisando compartilhavam o mesmo espaço físico, cada um com sua postura, tom de voz, gestos que fazem parte do encontro analítico.

Mais do que defender ou recusar a mudança, precisamos de tempo para compreender os efeitos das sessões virtuais e a sua permanência no mundo pós-pandêmico. A catástrofe sanitária nos impeliu de modo brutal ao século XXI e ainda é preciso situar-se no novo mundo. Analista e analisando já não estão necessariamente no mesmo espaço-tempo, talvez até estejam em países diferentes. O trabalho seguirá com a voz, com ou sem analista aparecendo na tela.

A mesma mudança se aplica à formação/transmissão da psicanálise. As análises podem ser realizadas com qualquer analista ao redor do mundo. Seminários, grupos de estudo, *lives* tornam possível uma transmissão sujeita ao desejo de cada analista e não as prescritas nas injunções institucionais. E, se for assim, tal caráter, que poderíamos chamar de constelatório de uma formação, não ganha em singularidade e alteridade diante da homogeneização/identificação de uma instituição?

Há muito discutimos os efeitos de reverência, de emblemas identificatórios e detenção do pensamento na formação dos psicanalistas diante da complexidade crescente da cultura. Acaso não há um porvir, na constituição de uma posição singular da escuta do psicanalista diante das novas possibilidades que o espaço-tempo tecnológico tornam possíveis? Enfim, neste artigo gostaríamos de discutir uma “ideia fora do lugar” tão característica da cultura brasileira: a graduação em psicanálise.

A IDEIA FORA DO LUGAR: GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE

Ao longo da história da psicanálise, o processo de sua transmissão e o sentido da análise do analista constituíram um ponto de tensões e ruptura. O caso incontornável de ruptura remete à saída da IPA de Jacques Lacan. O psicanalista francês seguiu todas as normas da Sociedade Psicanalítica de Paris, filiada à IPA, analisando-se com Lowenstein. A partir dos impasses da subjetividade de sua época, propôs sessões curtas, o que, certamente, desencadeou o processo de expulsão, mas o determinante foi o fato institucional de que os padrões determinados pela sociedade não poderiam ser quebrados. A saída de Lacan da IPA foi relacionada ao fato de que ele não aceitou que a questão institucional determinasse as questões teóricas e clínicas. O que corrobora essa afirmativa foi o desdobramento da ruptura, pois Lacan, em sua nova sociedade, defendeu o abrandamento das regras institucionais, uma redução da interferência normativo-institucional no seu movimento de retorno teórico a Freud, sem que isso gerasse nova celeuma quanto ao modelo institucional. Ele esperava o seu reingresso à IPA, o que não ocorreu.

Nesta ruptura, gerada pela crítica ao modelo institucional das identificações, aparece o fenômeno que podemos chamar de mal-estar da formação. O gesto de Freud de aceitar que a IPA reproduzisse o modelo da Igreja e do Exército, com seus mestres e sua hierarquia, deixou claras as consequências e impasses gerados pelo modelo identificatório, inclusive na concepção que se formaliza em “análise terminável e interminável” dos futuros analistas, que só encontra uma finalização com a identificação com a hierarquia institucional. O final da análise para Lacan abrirá um longo capítulo da história da psicanálise. A IPA colocou como condição para o reconhecimento da escola que Lacan não conduzisse análises didáticas, o que resultou na sua exclusão na instituição oficial de psicanálise, ainda que seu ensino já lhe designasse um lugar.

Nossa discussão neste breve texto tem como objetivo pensar os modos de institucionalização da formação do psicanalista, em detrimento da transmissão

da psicanálise tal como esse fenômeno tem se apresentado na sociedade brasileira. Ou, em outras palavras, a psicanálise em luta pela sua sobrevivência em tempos neoliberais.

MOMENTOS NEOLIBERAIS DA PSICANÁLISE NO BRASIL

Passemos à narrativa de alguns episódios da psicanálise em terras brasileiras. O senador Telmário da Mota apresentou dois projetos de lei no Senado Federal visando a regulamentar a prática do psicanalista. O projeto de lei nº 174 de 2017 e o projeto de lei nº 101 de 2018. O primeiro propõe a regulamentação da psicanálise de forma conjunta com as terapias naturistas e o segundo uma regulação independente da psicanálise (Camargo, 2019). Mais recentemente, em 2020, o Centro Universitário Internacional Uninter aprovou o curso de graduação em psicanálise para formação de “profissionais de saúde” e justifica a sua abertura com o aumento de demanda de atendimento em saúde mental devido à epidemia da COVID-19 (Uninter, 2022). Hoje a maior sociedade de psicanálise brasileira e da América Latina é a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, que já formou cerca de três mil psicanalistas (Massuela, 2014). O único requisito para a formação é ter um diploma de graduação em qualquer área. A formação é realizada em dois anos, com aulas duas vezes por semana e oitenta sessões de análise. Ao final, o aluno recebe o diploma de psicanalista.

A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

É fato indiscutível que todos aqueles que desejam ser analistas devem fazer uma análise. Nela, os futuros analistas encontram a transmissão na medida em que ela implica uma experiência com o inconsciente. É uma experiência paradoxal de lidar com o objeto que se transmite ao mesmo tempo que ele é transmitido. No entanto, a transmissão da psicanálise não se esgota na análise do analista. A transmissão na clínica e na teoria implica atenção aos modos singulares de passagem ao inconsciente e o seu eixo será a transferência. No eixo transferencial há a suposição de saber que o analisante ficcionaliza no encontro analítico e que deverá ser destituído no final de sua análise.

Retornando ao caso brasileiro, tanto a formação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa como a graduação em psicanálise respeitam a “regra” da análise pessoal. A Uninter esclarece que:

O principal instrumento de trabalho do psicanalista é o seu próprio aparelho psíquico, pois para a relação com seu paciente precisará ter não apenas estudos teóricos como também autoconhecimento. É recomendado que a formação do analista seja pautada no tripé: estudos teóricos, análise pessoal e supervisão da sua prática clínica, especialmente durante os primeiros atendimentos clínicos.

A lógica da nova formação do psicanalista está preocupada em como atingir sua meta de levar a psicanálise para as massas e, para tanto, precisa formar o maior número possível de psicanalistas. A iniciativa não é exatamente nova e a própria história da psicanálise já lidou com desvios e manipulações do discurso psicanalítico.

O próprio campo psicanalítico já demonstrou que nenhum dispositivo utilizado nas experiências de formação foi capaz de garantir que, no final de uma análise, teremos um analista. No entanto, de uma “análise”, entre aspas,

todas as que assim o dizem, temos o direito de esperar efeitos terapêuticos. Sem eles, nada prova que a elaboração analítica teve alguma consequência real. Mas o inverso já não é verdadeiro: nem todo efeito terapêutico é analítico.

Nenhuma “análise” pode produzir um sujeito sem sintomas nem pode prometer o apaziguamento ou “extinção” do inconsciente. O inconsciente é irreduzível (a tese já estava em Freud), e não há sujeito sem sintomas. No universo da “formação” neopentecostal ou da graduação dos psicanalistas, o inconsciente desapareceu. No informativo da graduação em psicanálise fala-se em “subjetividade” e, no universo pastoral, de fórmulas teológicas.

A problematização dos mecanismos e riscos das instituições de formação tem uma longa história na psicanálise. Conhecemos o caso Ferenczi, o caso Tausk e até mesmo as primeiras mulheres psicanalistas, além dos problemas causados pela universalidade na formação de um analista, constituída pelo caminho formativo standard da análise pessoal, práticas de estudo e supervisão em uma associação psicanalítica. Como a exclusão de Lacan deixou claro, a instituição de formação pode ser fundamental no processo formativo, mas também pode onerá-lo, por exemplo, se interferir nas análises, ou pode até mesmo se tornar um obstáculo. Basta que pensemos nos efeitos identificatórios que uma instituição pode produzir.

Até o momento em que Lacan rompe com a IPA e propõe o passe, podemos dizer que a análise didática era, em primeiro lugar, uma demanda de análise institucional. Seu caráter didático não é uma qualidade adicional, mas algo que deve ser considerado como uma possível fonte de obstáculos, uma contradição, porque a análise posta de forma institucional pressupõe que já existe um desejo de analista. Até Lacan, não pensávamos no desejo do psicanalista no final da análise. A análise didática era realizada dentro de parâmetros institucionais, sem nenhuma preocupação com o desejo do analista que deveria se fazer presente no final de uma análise.

Se partirmos do fato de que nossas instituições se baseiam em ideais comuns, devemos estar atentos ao modo como as identificações são construídas. Porque (e isso estava na origem das discussões entre Freud e Ferenczi) a ideia de que se poderia obter um fim, esgotando a análise que deveria ser resolvida por meio de uma identificação para prover de analistas as instituições psicanalíticas, bloqueou qualquer possibilidade de pensamento sobre o que consideramos hoje o fim de uma análise: o esforço de dessubjetivação, precisamente para questionar o modelo da identificação normativa. Para isso, as instituições não devem interferir nas análises, que precisam ser tanto mais livres quanto possível, pois esta é a única forma de preservar a função da transmissão.

Como nomear a condição de transmissão, e sobretudo, como reconhecer os efeitos da análise do analista? Em que tempo e lugar o analista pode dar testemunho desses efeitos? Não é da ordem da competência, do domínio de uma técnica ou da aptidão, trata-se de uma ética, e nada é mais difícil de identificar. Era isso que se esperava, entre outras coisas, do dispositivo do passe, que também fracassou.

Aqui há a tensão, ou mesmo a contradição, que existe entre a singularidade do analista e uma análise finita, e a instituição a que pertence, pois como manter no mesmo espaço institucional um conjunto de singularidades, um conjunto de analistas? O procedimento do passe, tal como Lacan o propõe na escola, é um procedimento que vai muito mais no sentido de obrigar a instituição a apoiar a singularidade do que no sentido contrário.

Cabe à instituição buscar uma forma de acentuar os efeitos singulares implicados pela transmissão. Ou como coloca Porge (2009, p. 54), a transmissão implica cada um, que coloca algo de si e reinventa a psicanálise e, ao colocar algo de si, transmite o impossível de transmitir.

SOBRE O MAL-ESTAR NA FORMAÇÃO

Quanto mais se legisla sobre a formação do analista, mais se favorece o controle político do poder e menos se permite o processo de transmissão, o encontro amoroso de singularidades. É preciso reconhecer que as propostas das “novas formações” ocorrem em um momento histórico muito específico de recuo do Estado como elemento mediador e simbólico da sociedade. Esse recuo se faz pela contenção de recursos financeiros investidos em equipamentos e soluções públicas/coletivas, abrindo espaço para investimentos privados lucrativos e pela retirada de garantias legais no âmbito do trabalho e da seguridade, aumentando os níveis de precarização da população e diminuindo a margem para que pessoas vivam segundo lógicas alternativas à economia competitiva.

Aliado ao Estado mínimo neoliberal e antidemocrático, encontramos o conservadorismo moral. O reacionarismo moral atualizou traços arcaicos da sociedade brasileira, e fez investidas contra a agenda ampla dos direitos humanos, e da inclusão afirmativa de grupos subalternizados. Tem como linha de frente de sua atuação a contestação das transformações sociais de homens e mulheres, na conjugalidade e na moral sexual.

As novas institucionalizações da psicanálise, seguindo a forma adaptativa da identificação, operam através da identificação maciça com o analista/pai/pastor, situação de alto risco quando a propensão ao autoritarismo e ao preconceito é estimulada pela dinâmica social dominante e pelas formas culturais regressivas com maior poder de disseminação. Em outros termos, em dadas situações, certas pessoas não terão de fazer um grande esforço subjetivo para aderir a pautas discriminatórias e antidemocráticas, uma vez que elas já estarão instaladas nos seus modos subjetivos de reação ao mundo, quando as tendências subjetivas estruturantes estariam sendo estimuladas pela sociedade e pela cultura: convencionalismo, agressividade, oposição a tudo que é intelectual e subjetivo, submissão autoritária, ênfase em estruturas rígidas de poder e dureza, tendência ao pensamento estereotipado, tendência a uma desconfiança geral de tudo que é “outro”. E ao final, mas não menos importante, funda-se a “psicanálise como negócio”.

REFERÊNCIAS

- Camargo, L. F. E. (2019, dezembro 20). Sobre as novas tentativas de regulamentação da psicanálise. **Correios Express**. Recuperado de https://www.ebp.org.br/correio_express/2019/12/20/sobre-as-novas-tentativas-de-regulamentacao-da-psicanalise/
- Massuela, A. (2014, setembro 5). Pastores brasileiros usam psicanálise para cativar fiéis evangélicos. **Opera Mundi**. Recuperado de <https://operamundi.uol.com.br/samuel/37724/pastores-brasileiros-usam-psicanalise-para-cativar-fieis-evangelicos>
- Porge, E. (2009). **Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje**. Campinas: Unicamp.
- Uninter (2022). **Bacharelado em Psicanálise**. Recuperado de <https://www.uninter.com/graduacao-ead/bacharelado-em-psicanalise/>